

*Definição de Oreó:*  
*Alguém que é preto por fora*  
*e branco por dentro*

*Oreó, ce n'est pas moi. — F.D.R.*

*Uma história plausível. — FLAUBERT*

*Burp!\** — WITTGENSTEIN

As epígrafes nunca têm nada a ver com o livro

---

\* Tudo o que este profundo filósofo alguma vez disse merece ser repetido.  
— Org.



PRIMEIRA PARTE

# **TREZÉZIA**



I.

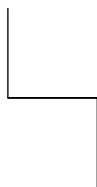
## MISHPOCHEH

### PRIMEIRO QUE TUDO, AS MÁS NOTÍCIAS

Quando Frieda Schwartz ouviu da boca do seu Shmuel que ele (a) se ia casar com uma rapariga negra, o sangue zumbiu-lhe aos trambolhões em todas as condutas no momento em que ela imaginou o *chiaroscuro* que a *hupa* forrada de cetim branco formaria com a pele da *shvartze*; quando ele lhe disse que (b) ia abandonar os estudos e que, portanto, nunca se iria tornar membro da ordem dos contabilistas certificados – *Riboyne Shel O'lem!* –, ela soltou um valente *geshrei* e caiu morta no chão, fulminada por um ataque cardíaco racista/ah-grande-bandalho-foi-para-isto-que-te-criei.

### AS MÁS NOTÍCIAS (CONT.)

Quando James Clark ouviu dos doces lábios de Helen (Docinho) Clark que ela se ia casar com um rapaz judeu e que em breve se passaria a chamar Helen (Docinho) Schwartz, conseguiu grasnar um «Goldberg!» anti-semítico antes de se transformar em pedra, por assim dizer, no seu cadeirão de espaldar direito, o corpo feito numa meia suástica rígida,



descontando, é claro, a cabeça, as mãos e os pés.

**PERSONAGENS PRINCIPAIS E SECUNDÁRIAS  
DA PRIMEIRA PARTE DESTE LIVRO,  
POR ORDEM DE NASCIMENTO**

Jacob Schwartz, avô paterno da heroína

Frieda Schwartz, mulher deste (morreu no primeiro parágrafo, mas, ainda assim, à sua maneira discreta, é um poço de energia e uma força da natureza)

James Clark, avô materno da heroína (petrificado no segundo parágrafo)

Louise Butler Clark, avó materna da heroína (duas semanas mais nova que o marido)

Samuel Schwartz, pai da heroína

Helen Clark Schwartz, mãe da heroína

Christine (Oreo), heroína

Moishe (Jimmie C.), irmão da heroína

**RELATIVAMENTE A ALCUMAS PERSONAGENS,  
UM OU DOIS ESCLARECIMENTOS**

Jacob: Fabrica caixas («Jake, o Homem das Caixas, Uma Caixa, Olaré, para Cada *Tchotchkeleh*»). Como ele tantas vezes diz: «Dá para ir ganhando a vida. Sempre com a corda ao pescoço.» Tradução: «Sou, *kayn aynhoreh*, um homem muito rico.»

James e Louise: No póquer genético da cor da pele, os dados da melanina foram lançados. James saiu da cor das pintas (na escala ao fundo desta página, é um 10), a mulher saiu da tonalidade dos dados em si. Louise tem a pele clara, muito clara, é uma albina *manquée* (embora por pouco, está fora da escala, é um - 1). James é um homem de negócios cheio de manha, Louise é uma das grandes cozinheiras do nosso tempo.

Samuel Schwartz: Uma carinha laroca como tantas outras, e está tudo dito.

Helen Clark: Cantora, pianista, humorista com jeito para imitações, um geniozinho da matemática (um 4 na escala de cores).

### Cores dos negros

branco	amarelo-claro (pronuncia-se am-REL-clar)	amarelo	pele clara
1	2	3	4
moreno-claro	moreno	moreno-escuro	
5	6	7	
escuro	muito escuro	preto	
8	9	10	

NOTA: Não existe «preto retinto». Só os brancos usam este termo. Para os negros, «preto» já é preto que chegue (e, na maioria dos casos, já o é demasiado, uma vez que a maioria dos pretos não é tão preta, nem de perto nem de longe, como a carteira preta que trazemos no bolso). Se um negro diz «O John é preto retinto», está a referir-se ao carácter perverso do John, não à cor da sua pele.

## UMA PALAVRA ACERCA DO ESTADO DO TEMPO

Neste livro não existe estado do tempo propriamente dito. Numa ou noutra ocasião, fazem-se vagas alusões às condições meteorológicas. O leitor deverá, ao longo da narrativa, imaginar o estado do tempo que mais lhe agrada. O Verão é o que faz mais sentido num livro desta extensão. Assim, não é preciso gastar páginas e páginas a descrever pessoas a despir e a vestir sobretudos.

### A HISTÓRIA DA VIDA DE JAMES E LOUISE ATÉ AO CASAMENTO DE HELEN E SAMUEL

Em 1919, quando tinham ambos cinco anos, o pequeno James e a pequena Louise mudaram-se para Filadélfia com os pais, os Clarks e os Butlers, que eram grandes amigos, saídos de um lugarejo nos arrabaldes de uma aldeola no condado de Prince Edward, na Virgínia. Quando fizeram dezoito anos, James e Louise casaram-se e tiveram a sua primeira e única filha, Helen, nesse mesmo ano.

Durante a Segunda Guerra Mundial, James trabalhou como soldador nos estaleiros Sun, em Chester, na Pensilvânia. Todas as manhãs, sem falta, ao longo de três anos, entrava na casa de pasto Zipstein's, onde comprava um *pickle* para meter na lancheira que levava para o trabalho. Pedia um *pickle* amargo. Zipstein dava-lhe sempre um *pickle* meio-amargo. A partir daí, James passou a detestar os judeus.

Quando a guerra acabou, James poupou dinheiro suficiente para abrir o seu próprio negócio de vendas por correio. Fazia questão de cultivar uma clientela exclusivamente judaica, que esfolava sem dó nem piedade. Pes-



quisou o seu mercado cuidadosamente; estudou a Tora e o Talmude, coligiu *midrashim*, citava o rabino Akiba – raiz e tempero de todos os reclames enganosos contidos na revoada de panfletos que ia espalhando pelos bairros judaicos, como quem espalha colheradas de *chrain* por cima das almôndegas de peixe. O seu primeiro produto vendeu-se que nem *latkes*. Tratava-se de um conjunto de alvos para o jogo das setas, em que figuravam (era o que se lia no reclame) «todos os homens que adoramos detestar, desde Haman a Hitler». Nenhum judeu de classe média de Filadélfia se atrevia sequer a pôr os pés na sala de jogos da sua própria cave se as paredes não tivessem aqueles alvos a adorná-la.

Usando este êxito como pedra basilar, James pôde dedicar-se a conceber promoções em parceria com outras casas de venda por catálogo. Pôde assim oferecer aos seus clientes *blintzes* de queijo para o Shavuot, lenços de assoar para o Tishá Beab («Vai ser uma choradeira»), *dreidels* para o Hanuká, *gragers* e *hamantashen* para o Purim, taças de vinho para a Páscoa, mel para o Rosh Hashaná, ramagens para o Sukot («Construa a cabana mais bonita do seu quarteirão») e uma gravação do Kol Nidré para o Yom Kippur («cantado pelo Tony Martin»). Cada artigo do seu catálogo vinha acompanhado por uma brochura histórico-religiosa, destinada àqueles que desconheciam o significado das diversas festividades e feriados. «É preciso explicar tudo e mais alguma coisa a estes *apikorsim*», disse ele a Louise, que perguntou: «O qu'ê que dizes?» Ao longo dos anos, o produto que mais se vendia era a série de Livros para Colorir da História Judaica, incluindo «a sempre popular rainha Ester, Rute e Naomi, Judas e os Macabeus (junte 50 cênt. para receber um martelo de plástico em miniatura), o Sinédrio (o primeiro Supremo Tribunal) e outros

eternos favoritos do Povo Eleito». Por fim, as suas preocupações monetárias dissiparam-se. Pôde mandar Helen para a universidade e comprar a Louise o presente com que ela sempre sonhara: um conjunto completo da Tupperware (5481 peças).

### UNIVERSIDADE DE TEMPLE, ENSAIO DO CORO

Enquanto cantava a sua parte na cantata coral *Jesus É a Minha Alegria*, Helen concebeu uma das suas típicas equações mentais, baseada nas tonalidades da música e nas dela própria:

$$BTU = \frac{3 \times 10^8}{\sqrt{\epsilon/\epsilon_0}} \text{ m/sec}$$

em que

$B$  = Bach

$T$  = tempo

$U$  = peso do ácido úrico, ml

Simples, reconheceu ela, comparada com as equações mentais imbricadas em jeito de fuga, tema-resposta-contratema, as suas preferidas — elegante, na verdade, mas não suficientemente absorvente para lhe distrair o espírito do facto de estar a transpirar imenso e de ter uma vontade tremenda de fazer chichi.

Samuel, ao passar pelo salão onde decorria o ensaio, viu de relance o rosto de Helen e, confundindo com fervor religioso a expressão de angústia quase a converter-se em desespero que ela exibia, foi ele próprio tomado de uma emoção que os místicos muitas vezes interpretaram erroneamente como êxtase com pozinhos de epifania (*vide*

Saul na estrada para Damasco, Teresa de Ávila a cada piscar de olhos): uma grande tusa. Os manuais de contabilidade caíram-lhe ao chão.

### **DECISÕES, DECISÕES**

Depois de muito examinarem o que lhes ia na alma e na *neshoma*, respectivamente, Helen e Samuel decidiram casar-se e viver na cidade natal dele, Nova Iorque. Samuel queria ser actor. Além disso, como Helen era um geniozinho da matemática, obviamente talentosa, Samuel queria ter um filho dela – ou antes, queria que *ela* tivesse um filho deles. Helen não se importou. A gravidez, pareceu-lhe, iria dar-lhe oportunidade de ficar em casa, a tocar piano e a congeminar as suas equações mentais, enquanto Samuel estudava *Marcha e Dicção Intermédia* na escola de representação.

### **NASCIMENTO DA HEROÍNA**

Um segredo coifou o nascimento de Christine. Esta é a história dela – deixá-la desvendá-lo. Helen baptizou a bebé num momento de zanga, depois de uma discussão com Samuel no hospital. Fizeram as pazes ainda antes de a tinta secar na certidão de nascimento. Embora Samuel fosse um judeu não praticante e se estivesse nas tintas para o facto de a filha ter o nome de Cristo, obrigou Helen a prometer, meio na brincadeira, que lhe caberia a ele dar o nome ao filho seguinte.